

**“SE VIRASSE HOMEM, QUE MAL TERIA?”: O SILÊNCIO
MASCULINO EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**“IF SHE TURNED INTO A MAN, WHAT’S WRONG?”: THE MALE
SILENCE IN PONCIÁ VICÊNCIO, BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Hêmille Perdigão (UFPR)

hemilleperdigao@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7832-5572>

RESUMO: *Este trabalho apresenta uma leitura do romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, com ênfase no silêncio masculino. A hipótese defendida é que o silêncio do homem de Ponciá, associado à aparição de um arco-íris no céu, reproduz o quadro de sensações em que as memórias da protagonista estavam conservadas. Em suas memórias, Ponciá reencontra o medo, que tinha na infância, de se tornar homem, e, por fim, substitui o medo por um desejo. A explicação é que, para Ponciá, ser homem significa ter o direito de permanecer em silêncio com suas reminiscências. Na ausência de uma testemunha para ouvir seus dolorosos relatos, a melhor opção se torna o silêncio. Entretanto, o silêncio, desejado anteriormente no enredo, é rompido pela própria existência do romance, o qual transforma seus leitores nas testemunhas que faltaram a Ponciá e que a levaram a desejar tanto o silêncio masculino.*

PALAVRAS-CHAVE: *memória; silêncio; masculino.*

ABSTRACT: This work proposes a reading of Conceição Evaristo’s novel, *Ponciá Vicêncio*, emphasizing the male silence. The hypothesis I defend is that the silence of Ponciá’s man, associated with the arrival of a rainbow in the sky, reproduces the sensations in which the protagonist’s memories were preserved. In her memories, Ponciá finds the fear of becoming a man, the fear she had when she was a child. Then, she replaces that fear by a desire. The explanation is that, for Ponciá, being a man means having the right to remain in silence with her memories. In the absence of a witness to listen to her painful stories, Ponciá considers the silence as her best option. However, the silence, which was once desired in the plot, is broken by the novel itself. The novel places the readers as witness, the witness Ponciá have missed when she desired the male silence.

KEYWORDS: *memories; silence; male.*

*Lá vem a voz de qualquer primavera
Lá vem a unha rasgando a garganta
A fome, a fúria, o sangue que já se levanta
De onde vem essa coisa tão minha?
[...]
É um lamento, um canto mais puro
Que me ilumina a casa escura
Milton Nascimento - Raça*

O romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, traz a narrativa, majoritariamente, das memórias da protagonista homônima ao título da obra. Por predominarem as memórias narradas como pensamento, há pouquíssimas falas da personagem. A escolha narrativa de Conceição Evaristo faz parecer que, a partir da infância de Ponciá, teremos uma narrativa linear. Todavia, páginas depois, a linearidade é quebrada para descobrirmos que os capítulos iniciais são, na verdade, memórias revisitadas em pensamento por uma Ponciá já adulta, após ter se colocado na janela da casa na qual mora com um homem:

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejado diálogo dos dois (EVARISTO, 2005, p. 16-7).

A escolha narrativa da autora acaba por atribuir grande importância, no romance, aos alheamentos de Ponciá, momentos como o da cena acima, em que ocorre uma espécie de dissociação entre seu corpo e sua alma, em que esta abandona aquele para transitar por um longo corredor de lembranças.

O ponto de partida dos alheamentos é algo que podemos especular. Conforme vemos no excerto supracitado, a falta de comunicação é um problema na relação de Ponciá. Diante do problema presente, o que ela faz, inconscientemente, é se entregar às memórias do passado, em busca de desvendar em qual momento de sua trajetória perdeu aquilo que agora lhe faz falta; no caso, ela busca o momento de sua história no qual a comunicação foi perdida e substituída por esse silêncio. Nessa busca, as figuras masculinas pululam nas lembranças da moça. Vejamos.

A primeira lembrança de Ponciá, no longo alheamento de abertura do romance, é:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que a menina que passasse por debaixo

do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? (EVARISTO, 2005, p. 09).

O romance tem início, então, com a descrição do medo de se tornar homem. O que significa esse medo? Essa pergunta é o que ecoa nos pensamentos de Ponciá no desfecho do primeiro capítulo, e que a leva a se lembrar dos homens da família:

Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio, então? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que se virasse homem, que mal teria? Relembrou-se do primeiro homem que conhecera em sua família (EVARISTO, 2005, p. 10-1).

O primeiro capítulo do romance começa com o medo de Ponciá de se tornar homem. O segundo capítulo começa com uma referência ao avô: “O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que a do próprio pai” (EVARISTO, 2005, p. 12). O terceiro capítulo tem início com uma referência ao pai: “Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa” (EVARISTO, 2005, p. 14). Por fim, o quarto capítulo começa com uma referência ao homem de Ponciá, que aparece como aquele que interrompe o alheamento da mulher: “Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar” (EVARISTO, 2005, p. 16). A partir da leitura dessas frases dos três primeiros capítulos do romance, percebemos que as aberturas dos capítulos iniciais formam uma sequência: medo de se tornar homem, lembrança do avô (homem), lembrança do pai (homem) e aparição do esposo (homem). A sequência permite perceber que o masculino é um elemento de repetição nas memórias e, levando em conta a presença do esposo, é, também, o que desencadeia o acesso de Ponciá às memórias das figuras masculinas do passado. Esse fenômeno é a memória involuntária, bem explicada pelo narrador proustiano no seguinte excerto de *Em Busca do Tempo Perdido*:

É sem dúvida a existência do nosso corpo, semelhante para nós a um vaso em que estaria encerrada a nossa espiritualidade, que nos induz a supor que todos os nossos bens interiores, as alegrias passadas, todas as nossas dores estão perpetuamente em nossa possessão. Talvez seja igualmente inexato acreditar que se escapem ou voltem. Em todo caso, se ficam em nós, é a maior parte do tempo num domínio desconhecido em que não têm a mínima serventia para nós, e em que as mais habituais são

recalcadas por lembranças de ordem diferente e que excluem qualquer simultaneidade com elas na consciência. Mas se for recuperado o quadro de sensações em que estão conservadas, têm elas por sua vez esse mesmo poder de expulsar tudo quanto lhes é incompatível, de instalar sozinho em nós o eu que as viveu (PROUST, 1971, p. 128).¹

Tendo como base a memória involuntária de Marcel Proust, o “quadro de sensações” em que estavam conservadas as memórias de Ponciá foi recuperado por duas circunstâncias: a silenciosa relação com seu homem e a aparição do arco-íris. A importância do arco-íris no início do alheamento é apontada pela própria protagonista:

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tanto tempo que ela não via a cobra celeste. [...] ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo (EVARISTO, 2005, p. 10).

Em acordo com a afirmação de Proust, Ponciá não consegue ter controle sobre as memórias que lhe retornam ao ver o arco-íris, o qual faz parte do quadro de sensações em que a lembrança do medo de se tornar homem estava conservada. É esse o “receio antigo” que, a contragosto, tem o “poder de expulsar tudo quanto lhes é incompatível, de instalar sozinho [...] o eu que as viveu” (PROUST, 1971, p. 128).²

Outra circunstância do quadro de sensações em que as memórias de Ponciá estavam conservadas é a ausência de comunicação na relação, que repetiu o silêncio de outras figuras masculinas do seu passado. Ao contrário do arco-íris, essa circunstância não é explicitamente apontada pela narradora; contudo, é passível de ser constatada ao ler algumas afirmações ao longo do romance. Tendo como parâmetro os homens com os quais conviveu, Ponciá associa a masculinidade ao silêncio. Do pai, Ponciá relembra: “O pai de Ponciá não era dado a muitos

¹ “C’est sans doute l’existence de notre corps, semblable pour nous à un vase où notre spiritualité serait encluse, qui nous induit à supposer que tous nos biens intérieurs, nos joies passées, toutes nos douleurs sont perpétuellement en notre possession. Peut-être eti-il aussi inexact de croire qu’elles s’échappent ou reviennent. En tous cas si elles restent en nous c’est, la plupart du temps, dans un domaine inconnu où elles ne sont de nul service pour nous, et où même les plus usuelles sont refoulées par des souvenirs d’ordre différent et qui excluent toute simultanéité avec elles dans la conscience. Mais si le cadre de sensations où elles sont conservées est ressaisi, elles ont à leur tour ce même pouvoir d’expulser tout ce qui leur est incompatible, d’installer, seul en nous, le moi qui les vécut” (PROUST, 1954, p. 156).

² “pouvoir d’expulser tout ce qui leur est incompatible, d’installer [...] le moi qui les vécut” (PROUST, 1954, p. 156).

risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos” (EVARISTO, 2005, p. 29). Sobre os homens em geral, conclui a protagonista:

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado de quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário [...] o homem vinha emudecido, trancado de falas, sem gesto nenhum dizível de nada (EVARISTO, 2005, p. 67).

Dessarte, o silêncio aparece, no romance, como uma característica intrínseca masculina. A consequência disso é que o fato de Ponciá ter se tornado, quando adulta, uma mulher silenciosa, faz com que ela se questione se o seu próprio silenciamento foi, de certa forma, uma realização daquilo que ela mais temia quando criança, a saber, a sua transformação em um homem. Em função disso, em seu alheamento, ela acessa memórias que formam a sequência: medo de virar homem, lembrança do pai, lembrança do avô e aparição do esposo, no seu presente. Assim, o quadro de sensações composto pelo silêncio em sua relação amorosa e pela aparição do arco-íris a levam a cogitar que ela tenha, de fato, se tornado um homem.

Entretanto, o acesso às memórias permite a compreensão de que a identificação com o masculino não ocorreu da forma que ela temia quando era criança e via o arco-íris, ou seja, não foi uma transformação mágica e súbita, visto que a identidade de Ponciá já estava atrelada ao masculino desde a primeira infância em função de uma ligação com o avô paterno. Embora Ponciá ainda fosse assaz pequena quando ele morreu, ela o manteve em suas lembranças.

O avô era deficiente de um braço, o qual ele mantinha para trás, escondido. Quando deu os primeiros passos, Ponciá começou a imitá-lo perfeitamente, causando espanto a todos:

Pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam. A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. Só o pai aceitava (EVARISTO, 2005, p. 13).

Os primeiros passos de Ponciá foram uma reprodução do avô. Adiante, o avô marca novamente uma estreia na vida da protagonista: a primeira vez que a menina faz uma estatueta de barro, a figura que resulta é idêntica ao avô:

O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o seu próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. [...] Chamou a

menina entregando-lhe o que era dela. Não fez nenhum gesto de aprovação ou reprovação. Aquilo era uma obra de Ponciá Vicêncio, para ela mesma. Nada que pudesse ser dado ou vendido (EVARISTO, 2005, p. 19).

O fato de os movimentos e a obra de Ponciá remeterem ao avô, apesar de ela não ter convivido com ele, pode ser explicado:

Quando vemos em nosso cotidiano coisas triviais, comuns, banais, geralmente falhamos em nos lembrar delas, porque a mente não é estimulada por algo novo ou excepcional. Mas, se vemos ou ouvimos algo indigno, desonroso, incomum, grande, inacreditável ou ridículo, disso conseguimos nos lembrar por muito tempo (NÜßLEIN citado em ASSMANN, 2018, p. 239).

O que há de incomum, grande, e que faz com que Ponciá se lembre do avô é uma herança que a neta haveria de receber, a qual é mencionada durante todo o enredo de forma misteriosa, sem deixar claro se a herança se manifestaria gradativa ou subitamente. O que é evidenciado é o que contam: a imitação do avô pela neta desde os primeiros momentos da vida e a aparição das feições dele na escultura de barro, o que fez com que a identidade de Ponciá fosse definida a partir desse avô. Essas memórias, ao serem acessadas, mostram que não houve uma mágica transformação de Ponciá em homem, pois o avô está presente nos primeiros passos e na primeira obra, entrelaçando, desde então, a identidade da menina a ele.

O receio de se tornar homem é, assim, uma ameaça constante, embora Ponciá tente se livrar dele se afastando do local de origem e recorrendo ao esquecimento:

O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si (EVARISTO, 2005, p. 16).

A rejeição ao nome faz parte da tentativa, por parte de Ponciá, da desvinculação de sua identidade à família. Segundo Aleida Assmann, se identificando com o nome, “o sujeito não se compreende como um indivíduo, mas como o portador de um nome, como elo de uma corrente. Sua identidade, ele a recebe do todo que integra” (ASSMANN, 2018, p. 85). Uma vez que Ponciá fugia da herança identitária do avô, ela rejeita o nome que a perpetua como um elo da corrente da família. Dessa forma, Ponciá parecia estar livre da ameaça de que a herança do avô se manifestasse sobre ela.

Em sua construção identitária, Ponciá adquire as características esperadas e/ou atribuídas e/ou exigidas das mulheres negras. Isso pode ser visto na narração do início do relacionamento amoroso dela do ponto de vista do homem:

Ele também estava enamorado e observava que ela era uma pessoa muito ativa. Estava sempre a lidar. Era bonita [...] Ele gostava da tenacidade dela, de seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele. Era uma pessoa assim que ele precisava (EVARISTO, 2005, p. 65).

Descobrimos, então, que as características de Ponciá que despertaram o interesse do homem foram: a beleza, a tenacidade, o olhar adiante, a superioridade a ele em fortaleza. As características elucidadas transparecem que não surgiu um sentimento, mas apenas um desejo de usufruir das qualidades da mulher, que são as características comumente atribuídas e/ou exigidas de mulheres negras, conforme explana Sueli Carneiro:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO apud RIBEIRO, 2017, p. 28)

Tendo se aproximado de Ponciá unicamente por ela ser uma mulher negra com as características esperadas e exigidas de uma mulher negra, o homem, ao vê-la em seus alheamentos, reage com violência:

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo [...] Ao ver a mulher tão alheia, deve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2005, p. 17.)

Ponciá é vítima de agressão física. A causa, do ponto de vista do homem, é o fato de a mulher estar em prolongado silêncio. Oras, prolongado silêncio é um comportamento comum a todos os homens da narrativa. Ponciá, então, percebe que o silêncio é, de fato, intrínseco ao

masculino; e, mais do que isso, parece ser algo permitido apenas aos homens. Ser silencioso e ter o olhar vago tornam-se, assim, características dos homens, as quais, quando aparecem em Ponciá, são desprezadas pelo seu esposo, causando nele até mesmo uma repulsa agressiva. Após sofrer a violência, a mulher, por fim, deixa de temer a transformação em homem e passa a desejá-la para que, assim, pudesse se entregar às suas memórias sem ser fisicamente punida por isso. Quando Ponciá pensa em virar logo homem, o que ela deseja, na verdade, é liberdade para ser uma mulher negra que tenha momentos de silêncio e momentos de fragilidade, como qualquer ser humano.

É mencionado, no romance, que o homem percebeu que o silêncio de Ponciá se tornou maior após uma viagem que ela fez ao seu povoado de origem: “Depois que voltou do povoado e não soube notícias da mãe e nem do irmão, ela se tornou mais estranha ainda” (EVARISTO, 2005, p. 65). Distante do local de origem e morando na cidade, pode parecer que Ponciá havia se livrado do receio de receber a herança do avô, todavia, em certo momento do enredo, a protagonista se lembra do local onde cresceu e volta a ele. Na viagem, Ponciá entra em sua antiga casa e a vê sem ninguém: a mãe e o irmão haviam partido. Somente sobrou, na casa, a estatueta do avô que ela mesma fizera com o barro. O vazio da casa a incomoda e, então, Ponciá deixa ali a sua personalidade ativa, sonhadora e forte e leva para a cidade não só a estatueta do avô, mas também a identidade dele. A ida à terra natal marca, então, o momento em que Ponciá desiste de se desvincular da sua família, desiste do projeto de esquecimento e, por fim, perde o medo de se tornar homem ao receber a herança do avô. Ao invés disso, ela passa a desejar se tornar uma pessoa silenciosa, ou seja, deseja se tornar homem e, por isso, leva consigo a miniatura do avô, feita de barro.

O homem de Ponciá logo percebe a mudança. Após a ida à sua cidade natal, a mulher por quem ele se apaixonara estava distante, havia ficado naquela casa abandonada de sua infância. Quem havia voltado era a Ponciá com os fardos do avô, uma Ponciá com olhar perdido que já não mais o atraía. O que aconteceu na viagem foi um processo inverso ao que ocorreria quando saiu do povoado pela primeira vez. Se inicialmente seu desejo era definir uma identidade desvinculada das memórias e da família, o seu desejo, agora, era se vincular novamente a eles. A herança do avô, ela já aceitara, ao levar consigo a estatueta. Faltava, agora, reencontrar a mãe e o irmão.

Aleida Assmann (2019, p. 74) afirma: “No âmbito dos conceitos vinculados a recordar e esquecer cumpre-se uma reorganização radical da identidade” e “reformulação da identidade sempre significa também reorganização da memória” (2018, p. 70). A Ponciá jovem que saiu

rumo à cidade acreditava na construção de uma identidade desvinculada da memória; rejeitava o nome, que fazia dela um elo da corrente familiar, temia a herança do avô, temia a masculinização. Todavia, o silêncio do seu relacionamento e a aparição do arco-íris no céu mostraram que seus medos a haviam encontrado, mesmo após sua fuga para longe, para a cidade grande. Diante disso, ela, então, retorna ao povoado onde nasceu em busca dos seus. Segundo Aleida Assmann, “a força vinculativa dos lugares está fundamentada de modo muito diversificado: no caso do local geracional, essa força repousa sobre uma cadeia de parentesco entre vivos e falecidos” (ASSMANN, 2018, p. 359). O que Ponciá experimentou, em sua excursão ao povoado de origem, foi essa força vinculativa. Ao retornar à cidade pela segunda vez, levou consigo o objeto correspondente ao seu falecido avô e, internamente, o desejo de encontrar os vivos de sua família.

Adiante na história, temos a inserção de outros focos narrativos: o do irmão e o da mãe de Ponciá. Ambos realizaram trajetórias semelhantes à da protagonista: saíram da casa, voltaram à casa, incomodaram-se com o vazio e foram impulsionados a buscarem o reencontro dos três. As caminhadas dos três (mãe, filha e filho), apesar das particularidades, começam com a saída em busca de algo melhor, passam pelo desejo de retorno às origens e culminam com o encontro com o vazio da casa, na qual Ponciá abandonou toda a sua tenacidade em troca da herança do avô. O silêncio do local geracional da família Vicêncio aparece, no romance, quase personificado, como um ser que espera os membros da família na casa para lhes entregar um fardo de lembranças, ou, em outras palavras, para entregar, a cada membro da família que retorna, o seu elo de uma corrente que deverá ser reformada para a reformulação da identidade de cada um.

É importante discutir a prevalência do silêncio, primeiro, como uma característica intrínseca masculina temida por Ponciá, segundo, como uma característica intrínseca masculina almejada por ela. Para a compreensão do significado do silêncio na obra, é relevante o fato de o avô de Ponciá ter sido escravizado durante toda a vida:

O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte. No tempo do fato acontecido, como sempre os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decependo a mão (EVARISTO, 2005, p. 50).

Ponciá é neta de escravos, e, em função do “ventre livre”, teoricamente, a partir de seus pais, a família estava livre da escravidão. A reação do avô à ausência de liberdade, sua e da mulher, foi uma violência. O homem que pouco falou, achou mais fácil matar do que expressar o que sentia.

O silêncio dos negros, que, como defendo, é uma temática do romance de Conceição Evaristo, é abordado também por Grada Kilomba em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. A autora questiona o uso da máscara de silenciamento, um instrumento imposto pelos colonizadores aos negros escravizados, para lhes cobrir a boca:

Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o “Outra/o”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. [...] Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2019, p. 41).

O silenciamento imposto pela máscara permanece nos personagens de Evaristo. Para Ponciá, a princípio, aparece como uma característica masculina; todavia, ela acaba por ansiar pelo direito de silenciar como um homem, porque ela sofre de uma ausência de um ouvinte, de alguém que partilhe com ela dos sofrimentos da escravidão, dos sofrimentos de ser pertencente a uma época em que combinaram de fingir que a liberdade dos negros já havia sido alcançada. Ela esperava que o marido falasse sobre a situação, todavia, ele parecia emudecido por uma remanescente máscara de silenciamento, conforme a própria Ponciá constata:

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado de quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria a nova obra. Muitas vezes quis dizer das tonturas e do desejo de comer estrelas de que era acometida todas as vezes que ficava grávida. Quis confidenciar a respeito de um medo antigo que sentia, às vezes. Quis saber se ele também sofria do mal do medo, se ele vivia também agonias. Quis que o homem lhe falasse dos sonhos, dos planos, das esperanças que ele depositava na vida. Mas ele era quase mudo. Não chorava, não ria. Desde os primeiros tempos, nos momentos em que ela se abria para ele, o homem vinha emudecido, trancado de falas, sem gesto nenhum dizível de nada (EVARISTO, 2005, p. 67).

O que Ponciá expressa, no trecho supracitado, é um incômodo por não poder falar sobre a real situação em que ela e outros negros se encontravam e, também, um incômodo por seu homem não aparentar nenhum sofrimento diante da situação em que se encontravam. A lei do “ventre livre”, afinal, não garantiu aos Vicêncio a liberdade de sonhar, de planejar, de ter esperanças; era sobre isso que Ponciá gostaria de falar, porém, não encontrou em seu marido um ouvinte.

A agonia sentida pela protagonista decorre da ausência de uma testemunha. Em *Memória, história, testemunho*, Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 57) conceitua:

[t]estemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

O que falta a Ponciá Vicêncio é uma testemunha que ouça a sua narração insuportável, que reflita sobre a falsa liberdade que causa sofrimento a ela e aos seus. Falar sobre a triste realidade do presente e verbalizar as memórias do passado são os caminhos, como defende Gagnebin, para “ousar esboçar uma outra história” e romper com a repetição infinita do silenciamento das pessoas negras. Entretanto, na ausência de uma testemunha, Ponciá, ao invés de querer romper definitivamente com o silenciamento, passa a almejar o silenciamento como uma característica masculina que lhe fará bem.

Bem, se, por um lado, a protagonista rompe com o medo do arco-íris e passa a desejar o silêncio masculino, o romance em si faz o contrário. O romance traz, por escrito, muito do que não foi dito, mas que foi muito rememorado: episódios de escravidão, concessões de falsas liberdades, discursos de fictícia igualdade proferidos por brancos. O romance *Ponciá Vicêncio* é o oposto do silêncio dos homens do próprio enredo, pois retira as máscaras de silenciamento que permaneceram emudecendo os homens e que Ponciá, como mulher, retirou da boca dos homens e colocou em si por um tempo.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2005.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

PROUST, Marcel. Le Temps Retrouvé. In: *À la recherche du temps perdu II*. Paris: Gallimard, 1954b.

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Artigo submetido em: 22 jun. 2022

Aceito para publicação em: 31 out. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.125414>